



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS DE ABAETETUBA/POLO TOMÉ-AÇU  
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA LINGUAGEM-FACL

LOANA FARIAS DA SILVA

**O GÊNERO CONTO COMO PROPOSTA DE ENSINO PARA O 6º ANO.**

TOMÉ-AÇU/PA

2018

LOANA FARIAS DA SILVA

**O GÊNERO CONTO COMO PROPOSTA DE ENSINO PARA O 6º ANO.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal do Pará, Campus de Abaetetuba, no Polo de Tomé-Açu, como requisito para obtenção do título em licenciatura em Letras-português.

Orientadora: Profa. Dra. Raimunda Dias Duarte.

TOMÉ-AÇU-PA

2018

LOANA FARIAS DA SILVA

**O GÊNERO CONTO COMO PROPOSTA DE ENSINO PARA O 6º ANO.**

Este trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Grau de Licenciatura em Letras-português da Universidade Federal do Pará/Campus de Abaetetuba/Polo de Tomé-Açu e aprovado em sua forma final em: 29 de maio de 2018.

Apresentado à Banca Examinadora composta pelos professores:

---

Profª. Dra. Raimunda Dias Duarte (Orientadora)

Universidade Federal do Pará

---

Prof. Ms. Marílio Salgado Nogueira

Universidade Federal Rural da Amazônia

---

Prof. Dr. Geovane Silva Belo

Universidade Federal Rural da Amazônia

## RESUMO

O artigo pretende discutir uma proposta de ensino de língua portuguesa, desenvolvida para a educação básica do município de Tomé-Açu, nordeste paraense, em uma turma de 6º ano, por meio do procedimento Sequência Didática, dos autores Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004). A proposta surgiu a partir da observação de duas aulas de língua portuguesa, turma 6º ano, em uma escola particular do município, durante a disciplina Estágio I do curso Letras-português, ministrada no ano de 2017. Após a observação e elaboração, o trabalho foi aplicado em sua versão inicial na disciplina Estágio II, com resultados significativos, e ampliado para uma versão final sem aplicação, neste artigo. O objetivo geral do trabalho é desenvolver, no aluno, habilidades de leitura e escrita do gênero conto. Para alcançar tal objetivo, pretende-se levar o aluno a compreender a estrutura e as características do conto, entender os elementos da narrativa e desenvolver habilidades de compreensão e produção do gênero. Para discutir sobre gênero do discurso utilizo a concepção Bakhtiniana (1997). Utilizo os estudos de Móises (2000) no que concerne ao gênero conto. A consideração acerca da tipologia textual narração baseia-se nos estudos de Vieira (2009) e o procedimento Sequência Didática, fundamenta-se em Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004). Para tanto, espera-se que a proposta final da sequência didática o gênero conto como proposta de ensino para o 6º ano venha contribuir para a compreensão e produção escrita do gênero conto, nas aulas de português em geral. Que os alunos compreendam as principais características do gênero; desenvolvam uma escrita consciente e reflexiva sobre o que produzem; percebam a importância dos elementos constituintes do conto; percebam a importância da narração no texto e aprendam a utilizar os elementos adequadamente em busca de um estilo próprio.

**Palavras-chave:** Gênero do discurso. Sequência Didática. Narração. Conto.

## INTRODUÇÃO

O trabalho surgiu a partir da observação de duas aulas de Língua Portuguesa/Redação em uma escola particular do município de Tomé-Açu. A observação/aplicação se deu nos Estágios I e II do curso de Letras-Português ofertado pela UFPA, Campus Abaetetuba. Nas duas aulas, foram apresentadas aos alunos as tipologias textuais: descrição, narração, dissertação, exposição e injunção, sem nenhuma referência a gêneros textuais ou aplicação nas práticas discursivas. A princípio, em decorrência do tempo de apenas 01h30min, foi explicada apenas a tipologia narração, de forma simplificada. Após a explicação, os alunos produziram uma narrativa. Pode-se observar, durante as aulas, a explicação descontextualizada da tipologia narração. Nas produções, os alunos narraram fatos reais e fictícios. Alguns escreveram histórias cheias de suspense, ricas de personagens e um final surpreendente, mas não sabiam qual gênero textual haviam produzido.

Entende-se, segundo Bakhtin (1997, p. 280) que o ensino de língua está vinculado ao ensino dos diferentes gêneros discursivos (orais e escritos), estabelecidos e construídos nas diferentes esferas sociais. Desta forma, pude observar um ensino desvinculado dos gêneros e das práticas discursivas, levando-me a proposta da sequência didática para a compreensão e produção do gênero conto. A escolha do gênero discursivo se deu pela facilidade que os alunos têm em produzir ou reproduzir histórias. Ao entrarem em contato com o gênero, os alunos se sentirão à vontade para criar e recriar seus próprios textos. Dessa forma, acredita-se na importância da sequência didática: **O gênero conto como proposta de ensino para o 6º ano** para a compreensão e produção do gênero conto. Neste trabalho, utilizo uma Sequência Didática composta por 17 aulas, como proposta a alunos do 6º ano do ensino fundamental. A proposta tem por objetivo principal desenvolver habilidades de leitura e escrita do gênero conto. Para alcançar tal objetivo, pretende-se levar o aluno a compreender a estrutura e as características do conto, entender os elementos da narrativa e desenvolver habilidades de compreensão e produção do texto.

O trabalho apresenta uma proposta de ensino por meio do procedimento denominado Sequência Didática. Para discutir sobre gênero do discurso utilizo a concepção Bakhtiniana (1997), emprego os estudos de Móises (2000) no que concerne ao gênero conto. As considerações acerca da tipologia textual narração baseiam-se nos estudos de Vieira (2009) e o procedimento Sequência Didática, fundamenta-se em Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004). Está dividido da seguinte forma: a) *orientação teórico-metodológica*: discute a

fundamentação teórica do trabalho; b) *conteúdos*: mostram-se os conteúdos trabalhados dentro da sequência didática; c) *condução metodológica*: descreve a sequência didática e d) *avaliação e quadro de atividades*: aborda a maneira de se avaliar, as atividades de acordo com os objetivos e conteúdos da SD.

## **1. ORIENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA**

Esta seção trata das implicações teórico-metodológicas acerca dos gêneros do discurso com base em Bakhtin (1997), do gênero Conto à luz de Móises (2000), da tipologia textual narração de acordo com Vieira (2009) e do procedimento Sequência Didática fundamentada em Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004).

### **1.1 Os Gêneros do Discurso**

Segundo Bakhtin (1997), os gêneros do discurso denominam-se enunciados construídos e relacionados intrinsecamente com todas as esferas de atividade humana. O autor afirma que qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso. Isso significa dizer que toda e qualquer esfera de atividade humana utiliza a língua (gêneros do discurso) como meio de comunicação, de acordo a necessidade de seus falantes. Os gêneros do discurso, segundo Bakhtin (1997), se realizam por meio da linguagem que se transforma em enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana (BAKHTIN, 1997, p.280).

Assim, para Bakhtin, os gêneros do discurso se realizam a partir das práticas sociais, em suas diferentes esferas de atividade humana. Em função disso, os gêneros do discurso possuem características próprias, classificadas pelo autor da seguinte forma: conteúdo temático, estilo verbal e construção composicional. “Estes três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissolúvelmente no todo do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação” (BAKHTIN, 1997, p.280). Com outras palavras, estes três elementos refletem as especificidades de cada gênero do discurso em cada esfera de atividade humana.

O teórico define o conteúdo temático como tudo o que pode tornar-se dizível no enunciado, as informações contidas no gênero discursivo. Koch e Elias (2014), na perspectiva bakhtiniana, exemplificam o conteúdo temático da seguinte forma:

Na poesia predomina a expressão dos sentimentos do sujeito, sujeito esse que fala de si e dá vazão a emoções, constituindo-se, preponderantemente, na primeira pessoa. Por sua vez, no artigo de opinião, veiculado em revistas ou jornais, o conteúdo, geralmente, consta de acontecimentos de ordem política, econômica, social, histórica ou cultural, e raramente sobre acontecimentos ou vivências pessoais. Por último, na tirinha, o conteúdo esperado é a crítica bem-humorada a coisas do mundo, modos de comportamentos, valores, sentimentos. (KOCK; ELIAS 2014, p.110).

O estilo trata dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais que o próprio enunciado estabelece nas práticas discursivas. É necessário ressaltar que o estilo é determinado pela necessidade comunicativa que o autor queira estabelecer na comunicação, mas também, é válido ressaltar que o estilo não está inteiramente disponível ao autor, livre, ou o autor submisso a ele (KOCH; ELIAS, 2014, p.110). A construção composicional nada mais é do que a forma como o gênero se estrutura dentro do enunciado. Cada gênero discursivo possui uma composição própria, já estabelecida no processo de uso da linguagem e reconhecida pelos usuários da língua. Temos como exemplo os gêneros tirinha, poema, notícia etc., que são reconhecidos facilmente pelas suas peculiaridades.

Sabendo que o enunciado (gêneros do discurso) é produto da interação social e que nos comunicamos por meio de enunciados orais e escritos, Bakhtin (1997) classifica os gêneros do discurso em primário (simples) e secundário (complexos). Os gêneros primários são encontrados no cotidiano da linguagem, principalmente da linguagem oral. São os diálogos do cotidiano, que também podem ser escritos (e-mail, bilhete, conversas nas redes sociais etc.). Em oposição, os gêneros secundários são os que possuem uma complexidade maior, principalmente na escrita, em função das formalidades que muitos deles exigem, nas esferas sociais. Além dessa complexidade, os gêneros secundários “aparecem em circunstâncias de uma comunicação cultural mais complexa e relativamente mais evoluída, principalmente escrita: artística, científica, sociopolítica” (BAKHTIN, 1997, p.282). É importante ressaltar que os gêneros secundários são, em sua maioria, escritos, mas que podem se realizar oralmente. Bakhtin (1997, p.282) afirma que os gêneros secundários no processo de sua formação, “absorvem e transmutam os gêneros primários”, ou seja, o gênero primário

se modifica e torna-se componente do gênero secundário, resultando em novas características e um novo gênero.

A compreensão dos enunciados (gêneros do discurso) é fundamental para qualquer estudo relacionado à linguagem, ao uso da língua nas práticas discursivas. Em função disso, é indispensável o conhecimento acerca dos gêneros discursivos nas diversas práticas sociais. Levando em consideração essa afirmativa, a compreensão do gênero aqui estudado (gênero conto), como proposta por meio de uma Sequência Didática, remete justamente à perspectiva Bakhtiniana de que os gêneros do discurso são tipos relativamente estáveis de enunciados, produzidos, modelados, nas diversas situações comunicativas.

## 1.2 Gênero Conto

Os gêneros do discurso, por Bakhtin (1997), são essências para a comunicação nas diversas práticas sociais, pois nos comunicamos por meio de enunciados (textos orais e escritos), construídos a partir das vivências dos falantes, em seus diferentes contextos e situações da sociedade. Nesse sentido, preferiu-se o gênero conto para o desenvolvimento da proposta sequência didática, por apresentar a tipologia narração e escrita facilmente assimilada pelos alunos. Nesse contexto, Moisés (2000) define o gênero conto da seguinte forma: “trata-se, pois de uma narrativa unívoca, univalente. Constitui uma unidade dramática, uma *célula dramática*”. Portanto, gravita em torno de um só conflito, um só drama, uma só ação: *unidade de ação*”. Segundo o autor, “para entender nitidamente essa unidade dramática, tem de se considerar ainda outro aspecto da questão: todos os ingredientes do conto levam a um mesmo objetivo, convergem para o mesmo ponto” (MOISÉS, 2000, p.20). A origem do conto é algo indefinido e desconhecido. O que se sabe sobre o gênero são apenas hipóteses de que ele pode ter-se constituído em verdadeira matriz das demais formas literárias ou, em particular, da prosa de ficção, em tempos remotos (MOISÉS, 2000, p.16).

Moisés acrescenta ainda, que o conto é “do prisma de sua história e de sua essência, a matriz da novela e do romance, mas isto não significa que deva poder, necessariamente, transformar-se neles” (MOISÉS, 2000, p.19). Isso significa dizer que um conto adaptado ou transformado deixa de ser aquilo que é, tanto como em estrutura como em estilo. Trata-se de um gênero construído a partir de uma estrutura já definida e limitada.

O conto, por apresentar objetividade em sua escrita, é caracterizado pelo autor em quatro unidades distintas: a primeira trata da unidade de ação, aquela que condiciona as

demais características do conto; a segunda trata do lugar onde as personagens transitam, circulam na história (uma casa, uma rua, uma sala de estar, etc.). A terceira corresponde ao tempo e está inteiramente ligada à segunda unidade dramática. Apresenta-se em ‘curto lapso de tempo’, em minutos, horas etc. A última unidade, de tom, ‘se evidencia pela ‘tensão interna da trama da narrativa’, ou seja, pela funcionalidade rigorosa de cada palavra no arranjo textual’ (MOISÉS, 2000, p.23)

As unidades citadas acima devem obedecer a uma estrutura harmoniosa, com o mesmo e único objetivo (MOISÉS, 2000, p.23). A preocupação do contista é estabelecer essa harmonia e fazer com que o leitor se surpreenda com o conto que está lendo, ou que já leu. O conto pode provocar emoções de pavor, piedade, ódio, simpatia, acordo, ternura, indiferença, ou o contrário delas (MOISÉS, 2000, p.23).

Um elemento importante do conto refere-se às personagens. Para o autor, ‘poucas são as personagens que intervêm no conto, como decorrência natural das características apontadas: as unidades de ação, tempo, lugar e tom só podem estabelecer-se com reduzida população no palco dos acontecimentos’ (MOISÉS, 2000, p.26). A estrutura do conto estabelece um número reduzido de personagens, em função da trama curta e objetiva. O teórico ressalta, em contrapartida, que a narrativa não é possível com uma única personagem em ação. É necessário diálogo entre uma personagem e outra.

No que se refere à estrutura do conto, o gênero segue linhas paralelas com as unidades e o número de personagens (MOISÉS, 2000, p.27). O conto, como já dissemos acima, é um gênero literário objetivo, curto, narrado geralmente em terceira pessoa. Moisés (2000) nos diz que:

A técnica de estruturação do conto assemelha-se à técnica fotográfica: o fotógrafo mergulha sua atenção num ponto e não na totalidade do que pretende abranger no visor: focaliza um ponto, o central, e capta-lhe os arredores, de forma a fixar o que vê mas abarcar o que não vê; de onde, não raro, uma película surpreender pelos pormenores revelados e que escapam completamente aos propósitos do fotógrafo. (MOISÉS, 2000, p.27).

Na estruturação, a linguagem na qual o conto é construído segue os objetivos gerais do gênero: curta, horizontal e plástica. Deve ser simples, acessível aos leitores, recheada de metáforas favoráveis a uma compreensão imediata. O diálogo, como componente mais importante dessa linguagem, é parte fundamental a ser abordado no estudo e na produção do

gênero. Através dele, conseguimos compreender as ideias das personagens, os conflitos, os dramas, bem como aquilo que poucas vezes fica subtendido no texto.

Os diálogos seguem uma classificação: diálogo direto (ou discurso direto), “quando o contista põe as personagens a falar diretamente, e representa a fala com um travessão ou aspas” O segundo, diálogo indireto (ou discurso indireto), é “quando o contista resume a fala das personagens em forma narrativa, isto é, sem destacá-la de modo algum”. O terceiro, diálogo indireto livre (ou discurso indireto livre), “consiste na fusão entre a terceira e a primeira pessoa narrativa, entre autor e personagem, “numa espécie de interlocutor híbrido”. E, por fim, o diálogo (ou monólogo) “é aquele que se passa dentro, no mundo psíquico da personagem: esta fala consigo mesma, antes de se dirigir a outrem”(MOISÉS, 2000, p.28-29). No conto, esses diálogos exercem um papel hierárquico quando o uso do primeiro é mais frequente que os demais.

Assim como a escolha e o uso dos diálogos são indispensáveis à produção do gênero conto, as tipologias merecem, também, total atenção. Marcuschi (2002) as classifica da seguinte forma:

Usamos a expressão tipo textual para designar uma espécie de construção teórica definida pela natureza linguística de sua composição {aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas}. Em geral, os tipos textuais abrangem cerca de meia dúzia de categorias conhecidas como: narração, argumentação, exposição, descrição, injunção (MARCUSCHI, 2002, p.3).

A primeira delas corresponde ao relato de fatos ou acontecimentos vividos pelas personagens, ou por alguma ação durante o conto. A argumentação expõe posicionamentos em relação a determinado assunto. A exposição trata da enumeração de características, informações sobre determinada personagem, lugar etc. A descrição tem a finalidade de representar subjetivamente ou objetivamente ambientes, personagens, etc. Por último, a injunção “vem representada por um verbo no imperativo. Estes são os enunciados incitadores à ação.” (MARCUSCHI, 2002, p.10).

Moisés (2000) usa um termo chamado de *Ponto de vista*, também denominado de foco de narração. Este, por sua vez, se define pela função atribuída a quem narra os acontecimentos da história e responde as seguintes perguntas: Quem vê a história? Ou quem conta a história?” (MOISÉS, 2000, p.33). Todas essas particularidades levam a uma diversidade de

gêneros. O conto possui características próprias, como os diversos gêneros discursivos, orais e escritos. Embora haja estas particularidades, o autor chama atenção para os vários tipos de contos, construídos a partir das escolhas dos elementos discutidos acima.

Quando falamos em tipos de conto, queremos referir-nos às diferentes formas de uso dos ingredientes próprios do conto, ou à proporção interna em que se podem justapor no seu âmbito; jamais indicarão mudança do alvo precípua do contista numa unidade de tom (MOISÉS, 2000, p.38).

É preciso atentar-se para o fato de que não existem, em qualquer classificação, “*contos puros*”. Todo conto apresenta características múltiplas, diferenciando-se ou sendo reconhecido por uma delas.

### 1.3 A Narração

O ensino por meio de gêneros textuais literários suscita a aprendizagem das diferentes tipologias textuais presentes nestes textos. A narrativa, a título de exemplo, está presente em diversos gêneros discursivos e estudá-la a partir de um gênero é compreender a sua construção discursiva, composicional e estrutural. Vieira (2009) considera essa tipologia textual como “um relato de um episódio, de uma peripécia do dia-a-dia, de um pequeno incidente, real ou fictício, no interior do qual se desenvolve uma intriga, um enredo, uma trama evidentemente temperada com certa dose de fantasia.” (VIEIRA, 2009, p.75).

O ato de narrar fatos e acontecimentos, verídicos ou não, está presente desde os tempos da caverna, quando eram registrados acontecimentos diários daqueles povos, por meio das pinturas rupestres nas paredes. Narrar um fato, características de uma pessoa, ou mesmo um ser inventado, carece de elementos como, o lugar onde está o “ser”, de quem se trata, o que se faz e quando se faz.

Vieira (2009, p. 75) considera a estrutura de uma narrativa a partir das respostas às seguintes perguntas: “a) O quê? b) Quem? c) Onde? d) Como? e) Por quê? f) Quando?”. Tais perguntas dirigem-se a um ser em movimento ou imóvel, em determinado lugar e tempo. Essas características fornecem vivacidade ao acontecimento narrado. Não se pode narrar, por exemplo, um assalto, uma briga de vândalos, sem narrar as personagens pertencentes ao acontecimento. O fato está ligado inteiramente a quem participa do momento descrito, onde, quando, etc.

Segundo Vieira (2009, p. 77), “A ordem no relato dos fatos ou dos acontecimentos é normalmente a cronológica, isto é, a da sua sucessão no tempo”. A narrativa torna-se mais atraente para aquele que lê ou ouve e assim dá mais ênfase àquilo que se quer mostrar detalhadamente. A narrativa como tipo textual característico de narrar fatos ou acontecimentos em dado tempo e lugar, precisa também, de um narrador. Este é denominado por Vieira (2009, p. 78) como “um elemento presente em toda narrativa, pois é ele quem conta a estória, guiando o leitor”. O narrador exerce papéis variados dentro da narração.

[...] Ele pode ser uma personagem da estória ou apenas um observador que vê tudo — ou quase tudo — e narra. É importante que o leitor saiba perceber as características do narrador de uma estória, pois, de modo geral, o narrador é quem orienta o leitor, brinca com sua imaginação, dá pistas sobre o desenrolar da estória e sobre as qualidades e defeitos das personagens (VIEIRA, 2009, p. 78).

A narração é a principal tipologia textual utilizada nos gêneros de ficção. No gênero conto, consiste na exposição de fatos ou acontecimentos. “Envolve, portanto, ação, movimento e evolução no tempo, como por exemplo, a descrição de uma viagem, de um jantar, de um choque de veículos” (VIEIRA, 2009, p. 80).

#### **1.4 A Sequência Didática**

O modelo de *Sequência Didática*, elaborada por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004) é definido como “um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito.” (DOLZ, NOVERRAZ e SCHNEUWLY, 2004, p. 96). E tem a finalidade “de ajudar o aluno a dominar melhor *um* gênero de texto, permitindo-lhe, assim, escrever ou falar de uma maneira mais adequada numa dada situação de comunicação” (DOLZ, NOVERRAZ e SCHNEUWLY, 2004, p. 97). Os teóricos dividem esse procedimento em: (1) apresentação da situação, (2) produção inicial, (3) Módulos e (4) produção final.

A produção de gêneros orais e escritos por meio do modelo de *Sequência Didática* permite que o aluno não só conheça diversos gêneros, mas venha produzi-los de maneira consciente e consistente. Desta forma, Dolz, Noverraz e Schneuwly fazem uma classificação dos gêneros adequados a serem trabalhos na escola. São eles: gêneros públicos, gêneros não privados, gêneros de difícil acesso e aqueles ainda não dominados pelos alunos.

### **1.4.1 Apresentação da Situação**

A primeira etapa a ser discutida na Sequência Didática, *apresentação da situação*, consiste na exposição do projeto e sua realização. A exposição deve visar à produção final como o resultado principal do trabalho, mas esta, também, deve direcionar os alunos para uma primeira produção. Na apresentação da situação, o professor deve explicar o que será feito ao longo do projeto, bem como a estrutura e os elementos para a construção do gênero em análise.

### **1.4.2 Produção Inicial**

Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004) afirmam que: “no momento da produção inicial, os alunos tentam elaborar um primeiro texto oral ou escrito e, assim, revelam para si mesmos e para o professor as representações que têm desta atividade.” (DOLZ, NOVERRAZ e SCHNEUWLY, 2004, p. 100). A produção inicial apresenta-se como uma atividade diagnóstica, na qual o aluno exhibe conhecimentos prévios, adquiridos durante a apresentação da situação e de sua vivência escolar. Diferentemente do que poderíamos supor, a produção inicial não se caracteriza como insucesso dos alunos. O professor, na apresentação da situação, deve definir os objetivos da produção inicial e mesmo aqueles alunos com dificuldades devem ser capazes de produzir o gênero de acordo com as primeiras instruções. Em contrapartida, “a apresentação da situação não desemboca necessariamente em uma produção inicial completa.” (DOLZ, NOVERRAZ e SCHNEUWLY, 2004, p. 100). A construção do gênero só será completa ao final do projeto, por meio da produção final.

### **1.4.3 Os módulos**

Os módulos tratam das sequências estabelecidas para se trabalhar os problemas, conteúdos e assuntos referentes ao gênero. Segundo os autores, “nos módulos, trata-se de trabalhar os problemas que apareceram na primeira produção e de dar aos alunos os instrumentos necessários para superá-los.” (DOLZ, NOVERRAZ e SCHNEUWLY, 2004, p. 102). A cada módulo serão abordados problemas de níveis diferentes. Será necessário variar atividades e exercícios e capitalizar o que já foi compreendido pelos alunos ao longo do

projeto, resultando na produção final. Nos módulos, o professor tem a oportunidade de modificar a sequência didática, de acordo com a necessidade da turma e de alunos específicos. A produção de textos orais e escritos requer dos alunos competências baseadas em quatro níveis, definidas pelos autores como: *representação da situação* o aluno deve aprender a fazer uma imagem, a mais exata possível, do destinatário do texto; *elaboração dos conteúdos* o aluno deve conhecer as técnicas para buscar, elaborar ou criar conteúdos; *planejamento do texto*- o aluno deve estruturar seu texto de acordo com um plano que depende da finalidade que se deseja atingir ou do destinatário visado; *realização do texto* o aluno deve escolher os meios de linguagem mais eficazes para escrever seu texto: utilizar vocabulário apropriado a uma dada situação.

#### 1.4.4 A produção Final

A última etapa da sequência didática encerra os procedimentos elaborados durante os módulos, com uma produção final. Segundo os autores, a produção final “[...] dá ao aluno a possibilidade de pôr em prática as noções e instrumentos elaborados separadamente nos módulos. ” (DOLZ, NOVERRAZ e SCHNEUWLY, 2004, p. 106). Nesta etapa, tanto a produção final do aluno quanto o trabalho do professor, será avaliado. A avaliação utilizada nesse processo é a considerada de tipo somativa. Esta por sua vez, considera o processo pelo qual os alunos passaram até a produção final, compreendendo parte a parte o gênero e o assunto trabalhado por meio dele. O aluno faz a autoavaliação de acordo com os objetivos pré-estabelecidos pelo professor na sequência didática e sintetiza seu domínio sobre o gênero e conseqüentemente sobre o que aprendeu.

## 5. CONTEÚDOS DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Esta seção trata dos conteúdos abordados na sequência didática. Dividem-se em três módulos e não abrangem todas as aulas.

QUADRO DE CONTEÚDOS		
MÓDULO I – ELEMENTOS DO GÊNERO CONTO		
5ª, 6ª, 7ª e 8ª aulas		
CONTEÚDO	OBJETIVOS	HABILIDADES

<ul style="list-style-type: none"> <li>• Título, ideia, estilo; Tempo, espaço; narrador; personagens, conflito.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Compreender os elementos constituintes do conto;</li> <li>• Reconhecer a importância do título e do estilo na escrita do conto;</li> <li>• Entender o papel do tempo e do espaço na construção do conto;</li> <li>• Compreender o papel de cada narrador dentro da narrativa;</li> <li>• Conhecer as várias personagens de uma narrativa.</li> <li>• Entender o que é um Conflito e a relevância dele para a construção do texto.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Reconhecimento dos elementos do gênero;</li> <li>• Interpretação dos elementos dentro do gênero conto;</li> <li>• Saber identificar as características de cada elemento dentro do conto;</li> </ul>
--	---	--

**MODÚLO III – DIÁLOGO NO CONTO**

11ª e 12ª aula

CONTEÚDO	OBJETIVOS	HABILIDADES
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Estrutura do diálogo.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Compreender a função discursiva dos diálogos presentes no gênero.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Saber avaliar o diálogo no conto do ponto de vista discursivo.</li> </ul>

**MODÚLO II - ESTRUTURA DO CONTO**

9ª e 10ª aula

CONTEÚDO	OBJETIVOS	HABILIDADES
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Estrutura: situação inicial, clímax e desfecho.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Compreender a estruturação do conto;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Elaborar o gênero conto de acordo com sua estrutura.</li> </ul>

Fonte: própria autora.

## 6. CONDUÇÃO METODOLÓGICA

Nesta sequência didática, as aulas se organizam em *Apresentação da Situação*, *Primeira Produção*, *Módulos* e *Produção Final*. As duas primeiras aulas são dedicadas à apresentação da situação, a 3ª e 4ª à produção Inicial, a 5ª, 6ª, 7ª e a 8ª ao módulo I, a 9ª e 10ª ao módulo II, as aulas 11 e 12 ao módulo III e as aulas 13, 14, 15, 16 e 17 à produção final, incluindo a rescrita dos alunos e a culminância da sequência didática na escola. Mudanças ocorrerão de acordo com a necessidade da turma, observada pelo professor durante a produção inicial e os módulos.

## 6.1 Apresentação da Situação

### *1ª e 2ª aulas*

No primeiro momento, o educador irá fazer a apresentação do projeto de ensino: **o gênero conto como proposta de ensino para o 6º ano**, por meio de uma conversa formal. O docente dirá que as atividades realizadas ao longo das aulas terão o objetivo de fazer o aluno compreender o que é um conto: para quem é escrito? A quem se dirige? Quais as características marcantes que o diferenciam de outros gêneros? Nesta sequência didática, o aluno vai produzir o seu próprio conto. A sequência das atividades, de produção e compreensão, do gênero, resultará em exposição das produções no ambiente escolar, com um sarau literário ou varal literário, escolhido pelos alunos. O professor irá explicar, detalhadamente, as características do gênero conto: pode retratar uma história real ou fictícia, possui poucas personagens e descreve cada uma delas, tem a finalidade de divertir, informar, criticar, contar uma história cheia de suspense. Circula em ambientes escolares e literários. Destina-se a todo grupo de pessoas, de acordo com a intenção do escritor. A linguagem pode ser formal ou informal. A estrutura baseia-se em situação inicial, clímax e desfecho. O que o diferencia de outro gênero literário é o fato de ser uma narrativa curta, diferente, por exemplo, da novela, em que a história circula em torno de vários núcleos e, conseqüentemente, de vários personagens com suas próprias histórias. Em seguida, o professor lê o conto, *Marcelo, marmelo, martelo* (Anexo1), para que os alunos, a partir da leitura e reflexão, percebam as características do conto apontadas acima e respondam algumas perguntas (Apêndice A). É importante deixar claro os objetivos da SD e os conhecimentos adquiridos pelos alunos ao final das etapas e o prazer que é produzir uma história literária.

## 6.2 Produção Inicial

### **3ª e 4ª aulas**

Nestas aulas, os alunos irão construir sua narrativa dentro do gênero conto (temática livre). A produção de cada aluno estará baseada nas ideias construídas sobre o conto, na apresentação da situação e nos conhecimentos diversos que eles já possuem. Eles terão duas aulas para escrever e avaliar o que escreveram, assim como “passar a limpo”. Após a produção inicial, o professor perguntará como foi escrever um conto e que características ficaram bem marcadas no texto (Recolher a produção Inicial).

## **6.3 Módulo I – Elementos do Gênero Conto**

### **5ª, 6ª, 7ª e 8ª aulas**

Nas duas primeiras aulas, o professor irá explicar como surge a ideia, o título, o estilo, o tempo na história e o espaço por onde percorre a narrativa. Dirá que a ideia é o “pontapé” inicial para começar a escrever. Não se pode começar a escrever sem saber o que escrever e sobre o que escrever. A partir de uma ideia, surge um título. O estilo nada mais é do que a forma pessoal de cada escritor contar a sua história. O professor explicará que, é necessário que o espaço e o tempo estejam sempre marcados no texto. O espaço trata do lugar onde a história se passa. É fundamental que o espaço seja detalhado pelo narrador. Segundo Soares (2010, p.71) “é importante descrever esses lugares para situar as personagens e criar na mente do leitor o “cenário” onde a narrativa acontece.”. O professor exemplificará por meio de slide, com um trecho do conto *Sua Avó, meu bassê* de Sylvia Orthof do livro utilizado nas 1ª e 2ª aulas (Anexo 2).

Em seguida, o professor explicará que o tempo pode se dar de várias maneiras. O primeiro deles é o tempo cronológico, aquele que conta as horas, os dias, os meses, os anos e até mesmo os séculos. Por exemplo, podemos observar esse tempo também no conto *Sua Avó, meu bassê*, de Sylvia Orthof (Anexo 2). Outro ponto importante do tempo cronológico é contar os fatos na ordem em que eles acontecem. “[...] primeiro o que veio antes, e a seguir o que veio depois – na sequência das horas, dos dias, dos meses, dos anos.” (SOARES, p. 67). O segundo tempo é o psicológico, aquele retratado pelas lembranças da personagem. A personagem narra fatos que já aconteceram, por meio de suas lembranças. Exemplo: o conto *Um bicho-de-pé de estimação* de Sylvia Orthof (Anexo 3).

Nas duas últimas aulas do módulo I, o professor explicará os tipos de narradores, os tipos de personagens e o conflito. Segundo Vieira (2009, p.96-97, *apud* Brooks e Warren), o primeiro deles é o narrador protagonista, em que a personagem principal narra sua história em primeira pessoa. O segundo é o narrador-testemunha, personagem secundária que narra a história da personagem central também em primeira pessoa. O terceiro narrador é o narrador onisciente: ele narra os fatos em terceira pessoa, sabe dos acontecimentos, das personagens, da trama em geral, mas não participa da história. O último é o narrador-observador, aquele que narra em terceira pessoa acontecimentos que observa na narrativa (para exemplificar os narradores, ver (Anexo 4). Em seguida, os alunos serão solicitados a realizar uma atividade (Apêndice B), em que eles devem identificar os narradores a partir das pessoas do discurso, de palavras e/ou expressões que os identifiquem e a discorrer sobre a importância deles para a história.

Para explicar as personagens, o professor usará os conhecimentos de Soares (2010). Segundo ele “toda história precisa de personagens, pois são eles que vão agir para contar ao leitor o que o autor inventou. Sem personagem não existe história” (SOARES, 2010, p.7). As personagens não se limitam a seres humanos. Podemos criar personagens a partir do que vemos, por exemplo, um saco plástico, um banco de praça, etc. Soares classifica as personagens em dois grupos: as sem nome próprio e as com nome próprio. Para a melhor compreensão, será feita uma atividade em que os alunos, com seus conhecimentos prévios sobre contos de fadas, irão descobrir, por meio de algumas características, de quem se trata a personagem descrita (apêndice C).

Para finalizar o módulo I, será dito, que conflito também faz parte dos elementos constituintes do conto. Trata-se, pois, do momento de suspense do texto, a reviravolta, a mudança repentina na história. Temos como exemplo, o trecho do conto de fadas da *Bela Adormecida no Bosque*, do contista Charles Perrault, que durante a cerimônia do seu batismo recebe um feitiço de uma fada velha e rancorosa, resultando em um sono profundo durante cem anos (anexo 5).

## **6.4 Módulo II – Estrutura do Conto**

### ***9ª e 10ª aulas***

Neste módulo, será trabalhada a estrutura do gênero conto. Para ensinar os alunos, usaremos os estudos de Soares (2010). O professor explicará aos alunos que o conto, assim como outros gêneros literários, possui uma estrutura conhecida por quem escreve e por quem lê. Em se tratando do gênero conto, essa estrutura torna-se ainda mais evidente quando a narrativa apresenta uma situação, caminha para uma reviravolta e finaliza com a conclusão desta reviravolta. O professor explicará que o conto apresenta uma *situação inicial*, geralmente onde se descreve o personagem, o espaço e o tempo da narrativa. Conta-se sobre como é esse personagem, o que faz, onde vive quais seus segredos, seus sonhos, etc. Em seguida, a história continua narrando fatos e acontecimentos vividos por esse personagem, mas, neste momento da história, é necessário que o personagem seja envolvido ou envolva uma situação desagradável, *clímax*, para que se cause suspense na narrativa. O professor explicará que esse momento é crucial para envolver quem está lendo ou quem vai ler a história. Dirá que o processo de resolução dessa reviravolta nomeia-se *desfecho*. O momento em que se resolve os problemas que o personagem causou ou sofreu com determinadas situações. Após essa explicação, o professor dividirá a turma em grupos de 5 até 7 alunos (a depender da quantidade de alunos na sala) distribuirá para os alunos livros de contos de Ana Maria Machado e Ruth Rocha para que eles leiam, reflitam e, em seguida, dirijam-se à frente para explicar a estrutura do texto que leram.

## 6.5 Módulo III – Diálogo no Conto

### *11ª e 12ª aulas*

Segundo Soares (2010), “a comunicação entre pessoas se faz por meio do diálogo.”. Usaremos os estudos de Soares (2010) como suporte a explicação dos alunos neste módulo. O professor explicará que as personagens dialogam dentro da história, elas conversam umas com as outras. Para isso, é fundamental estudar as formas de diálogos dentro do conto. O professor explicará que:

Quando duas ou mais pessoas dialogam usando a voz, é fácil saber quem está falando. Mas como transcrever essa comunicação? É preciso combinar o uso de alguns sinais gráficos para que o leitor possa entender que, naquele momento, os personagens estão falando (SOARES, 2010, p.47).

O professor dirá que a fala das personagens (diálogo) podem ser marcadas com travessão, aspas, ou os dois ao mesmo tempo. Para mostrar essas diferenças, o professor

passará por meio de slide os três exemplos (Anexo 6) que Soares (2010) utilizou em seu livro, para discutir tal assunto. Os diálogos com travessão tendem a dar mais vida à fala da personagem, primeiro porque se separa do restante do texto. Os diálogos com aspas são menos frequentes na escrita do conto e destinam-se a estilo próprio de alguns autores literários, além de misturar-se dentro do texto, elas servem também, para distinguir fala de narração. Em seguida, o professor distribuirá para cada aluno um trecho do conto *Marcelo, marmelo, martelo*, de Ruth Rocha (Apêndice D) sem as marcações de diálogos para que eles identifiquem e coloquem os sinais gráficos.

## **6.6 Produção Final**

### ***13ª, 14ª, 15ª, 16ª e 17ª aulas***

Na última etapa da sequência didática, o professor dirá aos alunos que eles produzirão um conto de acordo com todos os conteúdos estudados durante os módulos. A décima terceira e décima quarta aulas, servirá prioritariamente a produção final, o “passar a limpo” e a avaliação dos alunos. A décima quinta, a décima sexta, a décima sétima, ficarão disponíveis para a culminância da sequência didática na escola. Os alunos, juntos com o professor, organizarão um espaço para expor os contos para a comunidade escolar, em período disponibilizado pela escola anteriormente. Cada aluno durante o evento apresentará individualmente o seu conto. (Eles apresentarão suas produções por meio de Sarau Literário ou Varal literário, a depender da escolha dos alunos). Nesta etapa, espera-se que os alunos compreendam o gênero e produzam um texto de acordo com o que foi estudado ao longo das aulas e assim façam a exposição de seus textos.

## **7. AVALIAÇÃO E QUADRO DE ATIVIDADES**

A avaliação, neste trabalho, baseia-se no percurso dos alunos para chegar ao objetivo proposto: o de produzir um conto, observando as características da narrativa. A primeira produção será o início da caminhada até a produção final. Os alunos, ao longo dos módulos, entrarão em contato com os conteúdos que serão cobrados na produção final e refletirão sobre o que produziram no início da sequência didática, bem como, no final dela. Antunes (2006) nos leva a refletir sobre esse processo, afirmando que:

A avaliação não se pode reduzir a um momento pontual, inteiramente do presente, que acontece num dia certo, com data marcada, que se esgota na resolução de umas questões e que culmina com a entrega das notas, depois do que tudo continua como antes — em direção ao resto do programa —, na mesma rotina de aulas, como se nada tivesse vindo à tona nas avaliações feitas. (ANTUNES, 2006, p. 166).

Nas atividades propostas na sequência didática, os alunos terão a oportunidade de se autoavaliar e melhorar a escrita de acordo com os objetivos propostos. A primeira produção servirá como uma atividade diagnóstica para o professor e para o aluno. A partir dela, se encadeará os conteúdos distribuídos nos módulos até a produção final realizada pelo aluno. Na produção final, o aluno retornará a esse processo de auto avaliação com a escrita e rescrita do texto. Além da autoavaliação do aluno, o texto também contará com a avaliação do professor, permitindo a apresentação na escola por meio de Sarau Literário ou Varal Literário.

A avaliação é indispensável para o processo de ensino aprendizagem nas escolas. Por meio dela, o professor dá diagnóstico e cria metodologias de aprendizagem, de acordo com a necessidade da turma e, em casos específicos, do aluno. Antunes (2006) mostra a importância da avaliação na sala de aula e nas produções textuais. Para ela, a escrita é uma atividade processual, na qual o aluno se torna competente linguisticamente a partir das informações adquiridas ao longo do tempo e não apenas no momento que se começa a escrever.

<b>QUADRO DA SD</b>		
<b>APRESENTAÇÃO DA SITUAÇÃO</b>		
<b>1ª e 2ª AULAS</b>		
<b>OBJETIVOS</b>	<b>ATIVIDADES</b>	<b>MATERIAIS</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Compreender a sequência didática e suas etapas;</li> <li>• Entender a função do gênero conto;</li> <li>• Compreender os elementos estruturais do</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Expor aos alunos o projeto;</li> <li>• Explicar a função comunicativa que o gênero conto exerce;</li> <li>• Apresentar a elaboração de um conto a</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Quadro branco;</li> <li>• Marcador para quadro branco;</li> <li>• Papel A4;</li> <li>• Livro Contos para rir e sonhar de Ruth Rocha e Sylvia Orthof (Literatura em</li> </ul>

conto; <ul style="list-style-type: none"> <li>• Reconhecer as características do conto na obra de Ruth Rocha;</li> <li>• Responder algumas perguntas relacionadas ao gênero.</li> </ul>	partir de seus elementos; <ul style="list-style-type: none"> <li>• Atividade com 6 perguntas relacionadas às características do conto: <i>Marcelo, marmelo, martelo.</i></li> </ul>	minha casa, 4ª série, Volume 2);
<b>PRODUÇÃO INICIAL</b> <b>3ª e 4ª</b>		
<b>OBJETIVOS</b>	<b>ATIVIDADES</b>	<b>MATERIAIS</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Desenvolver habilidade de produção escrita.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Produzir um conto;</li> <li>• Avaliar a produção escrita.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Papel com pauta.</li> </ul>
<b>MÓDULO I – ELEMENTOS DO GÊNERO CONTO</b> <b>5ª, 6ª, 7ª e 8ª AULAS</b>		
<b>OBJETIVOS</b>	<b>ATIVIDADES</b>	<b>MATERIAIS</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Compreender como se constitui o conto;</li> <li>• Conhecer os tipos de narradores (protagonista; testemunha; onisciente; e observador).</li> <li>• Compreender a importância da personagem para a construção da história.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Atividade em que o aluno identificará os narradores;</li> <li>• Atividade sobre personagens de contos de fadas mundialmente conhecidos, para que os alunos compreendam a importância deles na história.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Datashow;</li> <li>• Slides;</li> <li>• Livro: Contos para rir e chorar;</li> <li>• Livro: A Bela Adormecida no Bosque</li> <li>• Papel A4.</li> </ul>
<b>MÓDULO II – ESTRUTURA DO CONTO</b> <b>9ª e 10ª AULAS</b>		
	<b>ATIVIDADES</b>	<b>MATERIAIS</b>

<b>OBJETIVOS</b>		
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Aplicar os conhecimentos sobre o conto.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Dividir a turma em grupo de 5 a 7 alunos para lerem um conto e analisarem as características do gênero.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Livros de Ruth Rocha e Ana Maria Machado.</li> </ul>
<b>MÓDULO III – DIÁLOGO NO CONTO</b>		
<b>11ª e 12ª AULAS</b>		
<b>OBJETIVOS</b>	<b>ATIVIDADES</b>	<b>MATERIAIS</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Compreender a função do diálogo no texto;</li> <li>• Saber utilizar cada diálogo na produção do gênero conto.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Explicar as características básicas de cada diálogo e sua função no texto;</li> <li>• Apresentar três exemplos de diálogos;</li> <li>• Distribuir para cada aluno um conto sem as marcações gráficas de identificação de diálogo para que eles os identifique-os;</li> <li>• Conversa sobre os usos do diálogo no texto.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Datashow;</li> <li>• Livro de Soares (2010);</li> <li>• Livro: Contos para rir e sonhar;</li> <li>• Trecho do conto Marcelo, marmelo, martelo de Ruth Rocha.</li> </ul>
<b>PRODUÇÃO FINAL</b>		
<b>13ª, 14ª, 15ª 16ª e 17ª AULAS</b>		
<b>OBJETIVOS</b>	<b>ATIVIDADES</b>	<b>MATERIAIS</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Avaliar a produção de um conto;</li> <li>• Socializar os resultados da produção</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Escrita individual de um conto;</li> <li>• Fazer a autoavaliação da produção;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Papel com pauta;</li> <li>• Caneta;</li> <li>• Lápis;</li> <li>• Borracha;</li> </ul>

escrita	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Rescrever o conto já avaliado para a apresentação na escola.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• (Materiais necessários para Sarau ou Varal Literário).</li> </ul>
---------	--	--

Fonte: própria autora.

## 8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta desenvolvida neste trabalho por meio de uma sequência didática surgiu a partir da observação de duas aulas de português/redação em uma das escolas particulares do município de Tomé-Açu. A observação nos mostrou um ensino desvinculado dos gêneros discursivos e das relações discursivas em que se produzem esses textos. Visto a importância da narração em gêneros orais e escritos, propôs-se, neste trabalho, o estudo da narração por meio de um gênero literário de grande relevância para a sociedade: o conto.

A escolha do conto se deu pela frequência com que o texto narrativo aparece no gênero. As crianças e jovens parecem sentir-se interessadas por textos que os aproxima de suas histórias reais ou fictícias. Em função disso, neste trabalho busca-se principalmente levar o aluno a produzir seu próprio conto e refletir sobre sua escrita.

Espera-se que a proposta da sequência didática *A narrativa no gênero conto* venha contribuir para a compreensão e produção escrita do gênero, nas aulas de português em geral. Que os alunos possam desenvolver uma escrita consciente e reflexiva sobre o que produzem, percebam a importância dos elementos constituintes do gênero conto e aprendam a produzir um conto.

## 9. REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Português no ensino médio e formação do professor**. São Paulo. Parábola Editorial, 2006.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 2ª Ed. São Paulo. Martins Fontes, 1997.

MÓISES, Massaud. **A criação Literária: Prosa**. São Paulo. Cultrix, 2000.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade**. In: DIONISIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Raquel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. Gêneros textuais e ensino. Rio de Janeiro. Lucerna, 2002.

SCHNEUWLY, B. ; DOLZ, J. ; NOVERRAZ, M. **Sequências didáticas para o oral e a escrita: In: SCHNEUWLY, Bernard et al. Gêneros orais e escritos na escola**. 3ª ed. Campinas: Mercado de Letras, 2008.

SOARES, Esther Proença. **A arte de escrever histórias**. Barueri. São Paulo. LTDA Manole editora, 2010.

VIEIRA, Carlos. **A técnica e a arte do conto**. Belo Horizonte. Fundac – bh, 2009.

KOCK, Ingedore Villaça. ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender os sentidos do texto**. 3ª Ed. São Paulo. Contexto, 2014.

## APÊNDICE A – Perguntas da atividade (módulo I)

**1. A partir do conto de Ruth Rocha *Marcelo, marmelo, martelo*, responda as seguintes perguntas:**

- a) O que de mais interessante lhe chamou a atenção na história?
- b) Quem você acha que conta e escreve a história? Qual a diferença de quem escreve para quem conta?
- c) A história possui quantos personagens? Como se chamam? Qual a personagem principal?
- d) A história possui *Situação inicial, clímax e desfecho*. Descreva esses pontos.
- e) Em que ambiente as personagens estão? Descreva-o.
- f) Para você, os fatos narrados no conto são verdadeiros ou criados pela imaginação de quem escreveu? Por quê?

## APÊNDICE B – (Atividade de narradores)

**2. Leia os textos abaixo. Depois reflita sobre quem conta a história. E, por meio de palavras/ou expressões, descubra de qual narrador se trata.**

## Texto A

*Sábado, eu e a turma resolvemos ir ao cinema. Estava em cartaz um filme de suspense superlegal que eu estava muito a fim de ver. Tivemos que escolher um cinema no shopping. Sabe como é. Coisa de pai e mãe... Andar por aí na rua, em turma, não faz muito a cabeça deles... Pará nós a idéia também parecia boa.*

*FORJAZ, Sônia Salerno. Um caso para Mister X.  
São Paulo: Moderna, 1997, p.5.*

## Texto B

*Era um homem pobre. Vivia com a mulher, as três filhas e um filho pequeno num casebre de madeira. Trabalhava na roça, plantando frutas e verduras que depois, com cuidado, punha na carroça e levava para vender na feira da vila, do outro lado do morro. Apesar de tudo, vivia com um sorriso desenhado nos lábios.*

*AZEVEDO, Ricardo. A moça, o gigante e o moço.  
São Paulo: Studio Nobel, 1994, p.4.*

## Texto C

*Quase todos os dias, eu chegava à escola e encontrava a Carol chorando. Carol é minha prima de 5 anos que, não sei se feliz ou infelizmente, entrou na minha escola este ano.*

*FORJAZ, Sônia Salerno. Um caso para Mister X.  
São Paulo: Moderna, 1997, p.37*

## Texto D

*Que susto! Apareceu uma coisa horrenda, voando bem acima de nós. Era um bicho superbarulhento, cheio de humanos na barriga. Apontavam uma arma em nossa direção!*

*Naquele momento achei que ia ter um treco. Quando vi o monstro, meu coração começou a bater tão forte, que durante alguns instantes fiquei ali, paralisada. A única coisa que eu conseguia fazer era gritar:*

*— Meu coração vai pular pela boca! Não, acho que vai é parar de bater! Ai, alguém me acode!*

*HETZEL, Bia. Rosalina, a pesquisadora de homens. Rio de Janeiro.*

Fonte: Programa gestão da aprendizagem escolar. Gestar I. Ministério da Educação. Brasília, 2007.

## Texto A \_\_\_\_\_

---

---

---

;

Texto B \_\_\_\_\_

---

---

---

;

Texto C \_\_\_\_\_

---

---

---

;

Texto D \_\_\_\_\_

---

---

---

#### APÊNDICE C – Perguntas da atividade (Módulo I)

**Contos de fadas estão presentes em nossas vidas desde muito tempo. Com os conhecimentos prévios sobre o gênero conto, descubra a personagem.**

a) A doce menina acabara de nascer e logo foi enfeitiçada com um sono profundo. A personagem é \_\_\_\_\_.

b) A Bruxa má, que também era madrasta, pôs veneno na maçã. A personagem envenenada é \_\_\_\_\_.

c) A moça pobre, bastarda, ganhou uma fada que a transformou em princesa, para ir ao baile. Esta moça saiu correndo e perdeu um lado dos sapatos. Ela chama-se \_\_\_\_\_.

d) A personagem não seguiu a orientação da mãe e desviou o caminho. Caiu em armadilha de lobo. A personagem é \_\_\_\_\_.



## APÊNDICE E – GRADE AVALIATIVA

<b>Grade Avaliativa</b>		
Avaliação da Apresentação da Situação (1ª e 2ª aulas)	SIM	NÃO
Os alunos compreenderam as características do conto?		
Os alunos responderam as perguntas da atividade? Quantos? ____		
Avaliação da Produção Inicial (3ª e 4ª aulas)	SIM	NÃO
Os alunos conseguiram escrever o conto? Quantos? ____		
Avaliação do Módulo I – Elementos do Gênero Conto (5ª, 6ª, 7ª e 8ª aulas)	SIM	NÃO
Os alunos compreenderam o espaço no conto? Quantos? ____		
Os alunos compreenderam o tempo? Quantos? ____		
Os alunos compreenderam os tipos de narradores? Quantos? ____		
Os alunos deram opiniões? Quantos? ____		
Os alunos compreenderam o conflito no conto? Quantos? ____		
Os alunos resolveram a atividade? Quantos? ____		
Avaliação do Módulo II – Estrutura do Conto (9ª e 10ª aulas)	SIM	NÃO
Os alunos compreenderam o que é situação inicial? Quantos? ____		
Os alunos compreenderam o que é clímax? Quantos? ____		
Os alunos compreenderam o que é desfecho? Quantos? ____		
Os grupos conseguiram explicar a estrutura do conto? Quantos? ____		
Módulo III – Diálogo no Conto (11ª e 12ª aulas)	SIM	NÃO
Os alunos compreenderam os tipos de diálogos? Quantos? ____		

Os alunos realizaram a atividade? Quantos? ____		
Produção Final (13ª, 14ª, 15ª, 16ª e 17ª aulas)	SIM	NÃO
Os alunos produziram o conto de acordo com o estudado? Quantos? ____		
Os alunos avaliaram sua produção? Quantos? ____		
Os alunos participaram do (Sarau ou Varal literário)? Quantos? ____		

Fonte: própria autora.

## ANEXO 1

Marcelo, marmelo, martelo.

Marcelo vivia fazendo perguntas a todo mundo:

Papai, por que é que a chuva?

Mamãe, por que é que o mar não derrama?

Vovó, por que é que o cachorro tem quatro pernas?

As pessoas grandes às vezes respondiam. Às vezes, não sabiam como responder.

Ah, Marcelo, sei lá...

Uma vez, Marcelo cismou com o nome das coisas:

Mamãe, por que é que eu me chamo Marcelo?

Ora, Marcelo foi o nome que eu e seu pai escolhemos.

E por que é que não escolheram martelo?

Ah, meu filho, martelo não é nome de gente! É nome de ferramenta...

Por que é que não escolheram marmelo?

Porque marmelo é nome de fruta, menino!

E a fruta não podia chamar Marcelo, e eu chamar marmelo?

No dia seguinte, lá vinha ele outra vez:

Papai, por que é que mesa chama mesa?

Ah, Marcelo, vem do latim.

Puxa, papai, do latim? E latim é língua de cachorro?

Não, Marcelo, latim é uma língua muito antiga.

E por que é que esse tal de latim não botou na mesa nome de cadeira, na cadeira nome de parede, e na parede nome de bacalhau?

Ai, meu Deus, este menino me deixa louco!

Daí a alguns dias, Marcelo estava jogando futebol com o pai:

Sabe, papai, eu acho que o tal de latim botou nome errado nas coisas. Por exemplo, por que é que bola chama bola?

Não sei, Marcelo, acho que bola lembra uma coisa redonda, não lembra?

Lembra, sim, mas ... e bolo?

Bolo também é redondo, não é?

Ah, essa não! Mamãe vive fazendo bolo quadrado...

O pai de Marcelo ficou atrapalhado.

E Marcelo continuou pensando:

“Pois é, está tudo errado! Bola é bola, porque é redonda. Mas bolo nem sempre é redondo. E por que será que a bola não é a mulher do bolo? E bule? E belo? E Bala? Eu acho que as coisas deviam ter o nome mais apropriado. Cadeira, por exemplo. Devia chamar sentador, não cadeira, que não quer dizer nada. E travesseiro? Devia chamar cabeceiro, lógico! Também, agora, eu só vou falar assim”.

Logo de manhã, Marcelo começou a falar sua nova língua:

Mamãe, quer me passar o mexedor?

Mexedor? Que é isso?

Mexedorzinho, de mexer café.

Ah, colherinha, você quer dizer.

Papai, me dá o suco de vaca?

Que é isso menino?

Suco de vaca, ora! Que está no suco-da-vaqueira.

Isso é leite, Marcelo. Quem é que entende este menino?

O pai de Marcelo resolveu conversar com ele:

Marcelo, todas as coisas têm um nome. E todo mundo tem que chamar pelo mesmo nome porque, senão, ninguém se entende...

Não acho, papai. Por que é que eu não posso inventar o nome das coisas?

Deixe de bobagens, menino! Que coisa mais feia!

Esta vendo como você entendeu, papai? Como é que você sabe que eu disse um nome feio?

O pai de Marcelo suspirou:

Vá brincar, filho, tenho muito que fazer...

Mas Marcelo continuava não entendendo a história dos nomes. E resolveu continuar a falar, à sua moda. Chegava em casa e dizia:

- Bom solário pra todos...

O pai e a mãe de Marcelo se olhavam e não diziam nada. E Marcelo continuava inventando:

Sabem o que eu vi na rua? Um puxadeiro puxando uma carregadeira. Depois, o puxadeiro fugiu e o possuidor ficou danado.

A mãe de Marcelo já estava ficando preocupada. Conversou com o pai:

Sabe, João, eu estou muito preocupada com o Marcelo, com essa mania de inventar nomes para as coisas... Já pensou, quando começarem as aulas? Esse menino vai dar trabalho...

Que nada, Laura! Isso é uma fase que passa. Coisa de criança...

Mas estava custando a passar...

Quando vinham visitas, era um caso sério. Marcelo só cumprimentava dizendo:

Bom solário, bom lunário... – que era como ele chamava o dia e a noite.

E os pais de Marcelo morriam de vergonha das visitas.

Até que um dia...

O cachorro do Marcelo, o Godofredo, tinha uma linda casinha de madeira que Seu João tinha feito para ele. E Marcelo só chamava a casinha de moradeira, e o cachorro de Latildo.

E aconteceu que a casa do Godofredo pegou fogo. Alguém jogou uma ponta de cigarro pela grade, e foi aquele desastre!

Marcelo entrou em casa correndo.

Papai, papai, embrasou a moradeira do Latildo!

O quê, menino? Não estou entendendo nada!

A moradeira, papai, embrasou...

Eu não sei o que é isso, Marcelo. Fala, direito!

Embrasou tudo, papai, está uma branqueira danada!

Seu João percebia a aflição do filho, mas não entendia nada...

Quando seu João chegou a entender do que Marcelo estava falando, já era tarde.

A casinha estava toda queimada. Era um montão de brasas.

O Godofredo gania baixinho...

E Marcelo, desapontadíssimo, disse para o pai:

Gente grande não entende nada, mesmo!

Então a mãe do Marcelo olhou pro pai do Marcelo.

E o pai do Marcelo olhou pra mãe do Marcelo.

E o pai do Marcelo falou:

Não fique triste, meu filho. A gente faz uma moradeira nova pro Latildo.

E a mãe do Marcelo disse:

É sim! Toda branquinha, com a entradeira na frente e um cobridor bem vermelhinho...

E agora, naquela família, todo mundo se entende muito bem.

O pai e a mãe do Marcelo não aprenderam a falar como ele, mas fazem força pra entender o que ele fala.

E nem estão se incomodando com o que as visitas pensam...

## ANEXO 2

### **Tempo cronológico:**

Eu não tive só rãs, coelhos ou bicho de pé, não. Tive , também um bicho comprido, baixinho, de pernas tortas e o nariz gelado: era um cachorro basset. Seu nome era “Sua avó”. Eu a adorava quando alguém me perguntava.

[...] Depois de uma hora vinte minutos e três segundos e meio, lembro exatamente pois foi um acontecimento estarrecedor em minha vida e na vida de sua Avó, puxei o anzol e só veio a minhoca espirrando um pouco, poia a água estava meio gelada, mas não veio peixe. Aí dei um puxão na linha, joguei pra trás pra depois jogar pra frentw dentro da água... aí... ai... Que horror! Que horror! Que horror! Mas que horror!

### **Tempo psicológico:**

Nem sei se conto. Você pode chorar, e eu só gosto de contar histórias alegres, mas... aconteceu um horror mesmo: quando joguei o anzol pra trás puxei pra frente, pesquei Sua Avó pelo nariz. Sua Avó fez um escândalo, enfiou o rabo entre as pernas e saiu correndo, arrastando a isca, a minhoca atravessada no nariz, o fio e a vara, uivando, parecendo uma sirene de bombeiro! O escândalo foi tamanho, que apareceu uma velha com um balde d’água, perguntando onde era o incêndio. Sua Avó corria na frente, uivando, eu atrás.

## ANEXO 3

A gente pode ter uma porção de bichos queridos, não precisa ser só gato, passarinho, cavalo ou cachorro. Eu tive um bicho de estimação muito de estimação: um bicho-de-pé.

Foi na época em que fomos passar férias em Itatiaia, no hotel do Donati. O hotel se chamava Repouso Itatiaia, e tinha um sujeito formidável chamado Mamede. Mamede era quem ajudava seu Donati a tomar conta do hotel. Nós, crianças, adorávamos o Mamede, por causa da risada dele. Era uma risada que parecia um navio, que vinha chegando pra praia, com muita gente esperando. A risada de Mamede vinha navegando, navegando, de repente a risada chegava! Quando a risada chegava, tudo balançava, igual às ondas do mar, tudo ficava alegre.

## ANEXO 4

Exemplo 1: narrador-protagonista, extraído de Soares (2010, p.32-33)

*Nasci no alto de uma árvore, lá no meio da floresta. No começo, eu tinha de ficar muito quieta, espremida em um lugarzinho bem apertado, porque eu nasci em uma colmeia onde milhares de “gentes” como eu ficavam voando, voando, dando voltas e zumbindo muito, porque o zumbido é a nossa fala. Sou uma abelha e o meu nome é Lindabel.*

Exemplo 2: narrador-testemunha, extraído de Soares (2010, p.33)

*Será que você já viu uma abelha bem de perto? Acho que sim. E aposto que você ficou apavorado e fugiu correndo com medo de levar uma ferroadada. Por isso mesmo, quero contar a você um pouco da história desses bichinhos tão importantes para nós. Saiba que as abelhas não gostam de picar pessoas. Mas, às vezes, quando elas são tratadas sem delicadeza, têm de se defender, você não acha? Então, ouça a história da Lindabel, uma abelhinha muito trabalhadeira que apareceu no quintal de nosso sítio.*

Exemplo 3: narrador-onisciente, extraído de Soares (2010, p.31-32)

*Bem no meio da floresta, no alto de uma árvore muito, muito cheia de folhas, prendia-se uma enorme colmeia, a casa onde viviam centenas de abelhas listradinhas de preto e dourado.*

*Todos os dias, quando o sol aparecia no meio da folhagem, as abelhas mais velhas e sabidas saíam para buscar comida no miolo das flores da mata.*

*As menores, porém, ficavam em casa fazendo a limpeza, alimentando as irmãs-nenês ou construindo novos quartos, que elas chamavam de favos. E todas se preocupavam em atender à Rainha-mãe, que também não saía, pois precisava ficar bem sossegada botando ovos em um favo vazio.*

Exemplo 4: narrador-observador, extraído de A menina que aprendeu a voar/ Ruth Rocha.

Era uma vez uma menina que um dia, assim sem mais nem menos, começou a voar.

Joana estava no quarto dela, se arrumando para ir pra escola.

Ela estava pensando na lição de matemática, no mapa de geografia, nessas coisas que menina pensa quando vai pra aula, enquanto amarrava o cordão do tênis.

De repente ela começou a subir, a subir, e acabou encostando devagarinho a cabeça no teto.

Então, enquanto Joana estava lá no alto, encostada no forro, pensando como é que ela ia descer, a mãe dela entrou no quarto.

## ANEXO 5

[...] Mas enquanto cada convidado se dirigia a seu lugar e se sentava à mesa, entrou uma velha fada que não tinha sido chamada, porque havia mais de cinquenta anos que não saía de sua torre e todos achavam que ela tinha morrido ou sido encantada.

O rei logo ordenou que preparassem também um lugar para ela, com seus talheres. Mas não era possível lhe darem um estojo de ouro maciço, como as outras tinham ganho, porque os brindes haviam sido feitos de encomenda e só havia sete, para as sete fadas. A velha achou que estava sendo desprezada e ficou resmungando uma porção de ameaças, com a boca meia fechada.

Uma das jovens fadas, como estava bem perto delas, ouviu aquilo e achou que era bem possível que a velha pretendesse dar algum presente ruim à princesinha. Por isso, quando todos se levantaram da mesa, foi se esconder atrás de uma grande tapeçaria pendurada na parede do palácio. Desse modo, seria a última a falar e talvez pudesse tentar consertar um pouco algum mal que a velha viesse a causar.

Em seguida, as fadas começaram a fazer seus dons, dizendo os presentes que davam à princesa. A mais jovem lhe deu o dom da beleza, prometendo que ela seria a pessoa mais bonita do mundo. A segunda prometeu que ela seria inteligente e espirituosa como um anjo. A terceira, que ela teria uma graça admirável em tudo o que fizesse. A quarta disse que a moça dançaria admiravelmente bem. A quinta, que ela cantaria como um rouxinol. A sexta, que ela seria capaz de tocar qualquer instrumento com perfeição. Quando chegou a vez da fada velha, ela sacudiu a cabeça — muito mais por despeito do que por velhice — e disse que a princesa furaria a mão com um fuso e morreria por causa disso.

Esse dom terrível vez todos tremerem, e não houve quem não chorasse. A jovem fada saiu de seu esconderijo, atrás da tapeçaria, e disse estas palavras, bem alto: — Fiquem tranquilos, senhor rei e senhora rainha. Sua filha não vai morrer por causa disso. É verdade que eu não tenho poder suficiente para desmanchar completamente a ameaça de uma fada mais velha do que eu. A princesa vai mesmo furar a mão no fuso de uma roca. Mas em vez de morrer, ela simplesmente cairá num sono profundo, que vai durar cem anos. Só que no fim desse tempo, o filho de um rei virá salvá-la.

## ANEXO 6

Soares (2010, p.47-48) afirma que geralmente, coloca-se um travessão antes de começar a fala de cada um e muda-se de paragrafo quando é outra pessoa que está falando.

Exemplo 1:

— Você vai sair hoje?

— Vou, sim.

— Esta ameaçando tempestade.

— Está mesmo.

— Então não vá.

— Eu tenho prova.

— Não esqueça o guarda-chuva. Leve a capa também.

“Pode-se usar aspas em vez de travessão” (SOARES, 2010, p. 48). Exemplo 2:

“Você vai sair hoje?”

“Vou, sim.”

“Está ameaçando tempestade.”

“Esta mesmo.”

“Eu tenho prova.”

“Não esqueça o guarda-chuva. Leve a capa também.”

“Pode-se também usar os dois sinais.” (SOARES, 2010, p.48-49).

— “Você vai sair hoje?” perguntou Maria enquanto costurava a barra da calça dele.

— “Vou, sim”, o irmão respondeu.

— “Está ameaçando tempestade.” Preocupava-se com ele, recém-saído de uma pneumonia.

— “Está mesmo.”

— “Então não vá.” insistiu.

— “Não tem jeito. Eu tenho prova.”

— “Não esqueça o guarda-chuva”, disse com firmeza. E acrescentou: “Leve a capa também.”